

HUMANISMO RENASCENTISTA E HAGIOGRAFIA

RENAISSANCE HUMANISM AND HAGIOGRAPHY

CARLOTA MIRANDA URBANO

camirurb@fl.uc.pt

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

<https://orcid.org/0000-0002-8073-6792>

Artigo recebido a 26-06-2018 e aprovado a 12-10-2020

Resumo

Este estudo toma como ponto de partida um *corpus* restrito de produção hagiográfica novilatina no contexto do humanismo português. O seu autor pretende sustentar que o humanismo renascentista europeu exerceu um papel decisivo no nascimento de uma hagiografia renovada, com novas exigências críticas, filológicas e literárias. O contexto europeu de reformas doutrinárias e a polémica em torno do culto dos santos foram determinantes na produção literária hagiográfica, mas outros fatores foram pertinentes neste processo: certas características do espírito humanista, como o interesse pela reconstituição filológica, a imitação dos modelos literários gregos e latinos e uma certa paixão de ‘antiquário’. Este estudo pretende identificar este influxo humanista na literatura hagiográfica e suas consequências.

Palavras-chave: humanismo, hagiografia, literatura novilatina, séculos XVI-XVII.

Abstract

This paper takes as reference a small literary *corpus* of hagiographic neolatin within Portuguese humanism. The author argues that European Renaissance humanism played a decisive role in the birth of renewed hagiography with critical, philological and literary requirements. The European context of doctrinal reforms and the controversy surrounding the cult of the saints were decisive in hagiographic literary production, but other factors were also relevant in this process: some humanistic characteristic, such as interest in philological reconstitution, imitation

of Greek-latin literary models and a certain kind of passion for ‘antiquarian’. This paper intends to identify this humanistic mark in the hagiographic literature and its consequences.

Keywords: renaissance humanism, hagiography, neolatin literature, XVI-XVII centuries.

A expressão ‘Humanismo Renascentista’ designa habitualmente um espírito de inovação que consistiu em fazer nascer de novo algo que estava esquecido, buscando o vigor original da fonte, um ‘voltar às raízes’, em vários domínios da vida humana, mas especialmente no domínio da cultura e das artes. É sobretudo a esta última dimensão cultural que nos costumamos referir quando falamos de ‘Humanismo Renascentista’ como linha de pensamento que redescobriu os clássicos e os colocou em primeiro plano, no posto de paradigma das artes plásticas e literárias.

No centro deste movimento de renovação esteve um grande interesse pelo texto e pelas fontes literárias que os humanistas procuravam reconduzir à sua versão mais original. O ‘Humanismo Renascentista’ caracterizou-se então por um grande relevo reconhecido ao texto e à palavra, e pela constituição de um programa educativo que confiava inteiramente nos *studia humanitatis* (o estudo da gramática, da retórica, da filosofia) como meio indispensável para uma formação humana integral.

Ao ‘Humanismo Renascentista’ estiveram, por vezes, intimamente associados vários movimentos de reformas religiosas nos séc. XV e XVI. Desta associação, o senso-comum por vezes reteve apenas a recusa e a censura de uma hagiografia carregada de fantástico e destituída de toda a credibilidade histórica, e a contestação do próprio culto dos santos, conotado com superstição e idolatria por parte dos principais pensadores das várias reformas. E, na verdade, está muito mais divulgada a prontidão de alguns humanistas em fazer críticas contundentes à hagiografia do que mostras do seu apreço e valorização da literatura hagiográfica.¹

Por esta razão, justifica-se uma releitura da relação entre o ‘Humanismo Renascentista’ e a Hagiografia, começando por uma questão muito simples: terá havido algum tipo de influência entre aquele movimento cultural e a Literatura hagiográfica coeva e posterior? Naturalmente, na nossa abordagem

¹ Para uma visão sistemática da literatura hagiográfica em Portugal nos séc. XVI-XVIII veja o estudo de Paula Almeida Mendes, “Vidas, Histórias, Crónicas, Tratados: sobre a escrita e a edição de hagiografias e de biografias devotas em Portugal (séc. XVI-XVIII) *Lusitania Sacra* 28 (Julho-Dezembro 2013) 173-2015.

desta questão não podemos reduzir esta influência ao domínio literário da hagiografia, mas devemos alargar o nosso olhar ao domínio da própria hagiologia e das questões doutrinárias que então em seu torno se levantaram e que forçosamente se refletiram na produção literária hagiográfica.

De facto, a Literatura hagiográfica não atravessou os tempos do chamado ‘Renascimento’ indiferente às mudanças e ao espírito de renovação literária que então se experimentaram. De resto, não só não foi indiferente, como participou ela própria desse espírito de renovação literária.

Um dos hagiógrafos mais conhecidos no humanismo italiano, o carmelita Baptista Spagnoli Mantuano (1447-1516), cuja obra foi bem conhecida pelos humanistas portugueses, é um daqueles casos paradigmáticos que nos permitem constatar como humanistas hagiógrafos, ou hagiógrafos humanistas, participaram plenamente do movimento de renovação cultural e literária que foi o Humanismo Renascentista. ‘Batizado’ por Erasmo como o ‘Virgílio Cristão’², Mantuano procurava, como Prudêncio e outros humanistas da Antiguidade Tardia o tinham feito, reconciliar a musa literária pagã com os valores cristãos, criando, por meio dessa reconciliação, uma nova literatura.

No *Apologeticon*³ que publica com a carta dedicatória das *Parthenices*⁴, Mantuano defende-se dos críticos que consideravam menos digno do religioso carmelita dedicar a vida a escrever versos, recorrendo ao tradicional argumento do povo hebreu que tinha utilizado os vasos do Egipto pagão no culto divino, ou lembrando o exemplo de José e de Moisés, que tinham aprendido toda a ciência dos egípcios, certamente porque tudo o que há de bom na terra, em bens, ou palavras, é devido a Cristo, pois ele próprio tinha dito: “Quando for exaltado atrairei a mim todas as coisas”. Entre ‘todas as coisas’, diz Mantuano, não estarão a eloquência e a poesia?⁵

² Chiesa 1998: 206.

³ *Apologeticon in mastigophoros et castigatores suorum operum* [una cum epistola dedicataria Parthenicae primae sive Marianae ad Ludovicum Fuscararium et Iohannem Baptistam Refrigerium - seu *Commendatione Parthenices*, in *Parthenice septe[m] diue uidelicet mariae virginu[m] reginae, diuaru[m] catherinae, margaritae, agathes luciae, apolloniae [et] ceciliae extracte ex primo tomo oprtum. R. F. baptistae mantuani carmelitae*. Salamanca, 1515.

⁴ Vd *supra*. ‘Parthenices’ é a designação usada para referir os vários hinos com que Baptista Mantuano celebra a Virgem Maria, rainha, e as virgens Catarina, Margarida, Luzia, Ágata, Apolónia e Cecília.

⁵ “Cur putas Ioseph et Mosem omnem Aegyptiorum sapientiam didicisse? Certe per haec et his similia significat omne quod in terris boni erat, sive rerum, sive sermonis, Christi deberi, quod ipse postea expressit dicens: «Quum exaltatus fuero omnia traham ad meipsum». Ergo de numero omnium non est eloquentia nec poesis?” *apud* Chiesa, 1998: 208.

Mantuano estava convicto, não só de que as figuras dos santos mereciam ser cantadas com a elevação literária da musa pagã que os humanistas do Renascimento tinham redescoberto, como estava também convencido da eficácia dessa musa ao serviço da missão apostólica.

Nascida para celebrar os primeiros heróis do cristianismo, os mártires, a literatura hagiográfica cristã teve sempre presente uma dimensão exemplar e apologética, mais ou menos explícita consoante os tempos e os movimentos espirituais, mas talvez em nenhuma época tenha desenvolvido tanto esta dimensão exemplar como no início da modernidade. Ao que não terá sido alheio o facto de o Humanismo Renascentista valorizar especialmente o *exemplum*, que permitia apresentar a *virtus* em acção. Não é por acaso que datam de então grandes narrativas épicas e um florescimento da literatura dramática aliada ao ensino. Para os humanistas, era muito mais eficaz a apresentação da virtude encarnada no herói do que o tratado teórico sobre a virtude, o que não deixaria de estar relacionado com a redescoberta da *Poética* de Aristóteles, por parte dos humanistas, e com a sua teoria mimética da arte. Pela sua própria natureza, a literatura hagiográfica apresentava-se como campo especialmente adequado à educação das virtudes e à apologética do cristianismo, pois os seus heróis constituíam sempre modelos *ad imitandum* e argumentos vivos para a apologia da doutrina cristã.

Como humanista, Mantuano estava convencido da força imitativa que reside no texto hagiográfico, mas, além disso estava também convencido de tornar mais eficaz a mensagem do texto hagiográfico se nele usasse a forma elevada e a beleza da musa pagã aprendida das letras clássicas. Tencionava fazer da sua poesia *apostolica retia*, ‘redes de apóstolo’ que, como laços firmes, unissem os homens a Cristo.⁶

Mas este desejo sincero de criar uma nova literatura não podia desenvolver-se sem um movimento de rutura com uma literatura hagiográfica tradicional de origens remotas e de que é emblema a *Legenda Aurea*, obra que, não obstante as críticas de que foi objeto por parte dos humanistas, nunca viu a sua popularidade em risco, atravessando incólume os séculos do Humanismo Renascentista. Mantuano entra em polémica aberta e de algum modo apresenta uma nova ideia de literatura hagiográfica como

⁶ *Apologeticon*, apud Chiesa 1998: 209. “Cum adhuc adulescentulus essem, et a studiis ecclesiasticis, more illius aetatis, abhorrerem, forte in ea poemata incidi et carminis suavitate delectatus, animum ad res divinas paulatim appuli, et ex illo tempore sacrarum litterarum studiosior fui. Sic precor accidat iis qui mea legent, et fiant libelli mei quasi apostolica retia, et trahendis ad Christum hominibus laquei tenaciores.”

alternativa às narrativas em vulgar, recheadas de elementos fantásticos e ingênuos, pouco preocupadas com as fontes, passíveis mesmo de cair no ridículo, pouco dignas de crédito e sobretudo pouco adequadas ao louvor dos santos e à promoção do seu *exemplum*.

Na carta dedicatória da Vida de Santa Catarina a Bernardo Bembo, Mantuano, a propósito da explicação etimológica que Jacques de Vorragine apresenta na *Legenda Aurea* para o nome da heroína celebrada, protesta contra a ignorância do autor e contra a sua forma de escrever sobre os santos, que em nada os dignifica mas antes sujeita ao riso e ao desdém do homem culto, douto e literariamente exigente.⁷

Esta atitude de Mantuano não é única. Podíamos referir outras vozes críticas que anos mais tarde se fariam ouvir, como as de Erasmo de Roterdão, Melchior Cano ou Roberto Bellarmino que exprimem o mesmo desconforto de um público culto diante de uma hagiografia mais tradicional, por vezes recheada de elementos fantásticos e lendários, e a mesma necessidade de uma hagiografia adequada às novas exigências críticas e literárias do humanismo.

Não podemos deixar de associar estas críticas aos movimentos de reforma que fundando as suas posições em critérios humanísticos ou teológicos levantaram a grande polémica sobre a legitimidade do próprio culto dos santos e das suas relíquias na Igreja. Não temos dúvidas de que esta contestação também exerceu a sua influência na produção hagiográfica e nos próprios processos de canonização. Não terá sido por acaso, como observa Gabriela Zarri,⁸ que durante um longo período que vai de 1523 a 1588, todos os processos de canonização ficam suspensos. Este longo silêncio da Igreja em matéria de canonização é muito provavelmente uma resposta do papado às críticas, numa atitude de prudência que deve ter estado aliada ao desejo de reformar, controlando e centralizando o processo de reconhecimento e a canonização de novos fenómenos de culto e devoção que foram surgindo, não obstante a polémica levantada. Este desejo de reforma, podemos dizer, conduziu à instituição da *Sagrada Congregação dos Ritos* em 1588 pelo Papa Sisto V, que tornaria possível a reforma completa dos processos de canonização levada a cabo por Urbano VIII ao longo da primeira metade do séc. XVII.⁹

⁷ Chiesa: 211.

⁸ Zarri 2005: 255.

⁹ Sobre esta matéria veja-se, p. ex. Ditchfield 2005: 261-329.

É certo que o culto dos santos sai reforçado do Concílio de Trento, mas também mais controlado o seu aparecimento, centralizada em Roma a sua canonização e ainda, como defendia Melchior Cano enviado de Carlos V ao Concílio, protegido da superstição e de uma hagiografia pouco credível, por vezes fruto de falsificações e propagadora de uma visão deturpada da santidade e da miracologia. A Hagiografia, como escrevia este teólogo dominicano no *De locis theologicis*,¹⁰ exigia um sentido crítico na leitura das fontes. Como podemos ver, também nesta medida, a renovação da literatura hagiográfica, e do próprio culto dos santos, não foi alheia ao Humanismo Renascentista, não só no seu cuidado com a beleza formal do texto mas também com o rigor histórico e filológico.

É que, na verdade, como já concluiu Gian Gordini¹¹ no seu estudo sobre o método dos chamados bolandistas que lançaram os alicerces da Hagiografia como ciência crítica, a sua grande obra resultou mais da formação e do zelo filológico dos humanistas, pioneiros desta escola, do que das críticas e polémicas lançadas ao culto dos santos durante o período das reformas. Embora a obra a que deram início, os *Acta Sanctorum*, mantivesse uma natureza apologética, o objetivo do Padres jesuítas, primeiro o P.e Roseweyde (†1629) e depois o P.e Bolland (†1665) com os seus colaboradores, era reconstituir os antigos documentos hagiográficos na sua autenticidade, o que pressupunha um trabalho de historiografia que eliminava das *legendae* os elementos fabulosos e fantásticos que se tinham incrustado naquelas narrativas ao longo dos séculos. Presidia a este labor uma exigência crítica de verdadeira filologia, a comparação de fontes para expurgação do que afastava o texto da verdade histórica, no entanto, esta literatura hagiográfica renovada não pretendia fazer historiografia pura e simples com intuito de disponibilizar informações sobre os santos, heróis do cristianismo, mas manter viva a sua memória nos fiéis e inspirar nestes o desejo de imitar esses heróis.¹²

Além disso, a literatura hagiográfica redigida depois do Concílio de Trento é também utilizada como veículo de afirmação da ortodoxia, acentuando-se esta ou aquela característica do santo celebrado para ilustrar aspetos doutrinários redefinidos em Trento, como a sacramentalidade da Eucaristia, a defesa da eficácia salvífica das obras *versus* o primado da Graça,

¹⁰ *Apud* Grégoire 1991: 32.

¹¹ Gordini 1991: 59.

¹² Gordini: 65.

a validade da oração ou o poder intercessor dos santos.¹³ Figuras heroicas renovadas, estes santos são argumentos vivos do programa de Trento, quer sejam santos antigos interpretados à luz de Trento, quer sejam santos mais recentes que foram eles próprios agentes da Reforma católica, como foi o caso de St^a Teresa de Ávila, St^o Inácio de Loiola ou de S. Carlos Borromeu, canonizados no início do séc. XVII.

Uma outra marca das influências do Humanismo Renascentista mais visíveis na produção hagiográfica foi o desenvolvimento da biografia devota. De facto, ainda nos finais do séc. XV, na continuidade de uma hagiografia tradicionalmente organizada em catálogos de santos e dos seus milagres, na esteira dos calendários e menológicos de ascendência litúrgica, surgem coleções de biografias de homens ilustres de ordens religiosas que são claramente influenciadas pelo género biográfico cultivado na antiguidade por Suetónio, ou por Plutarco, um dos autores antigos mais traduzidos e imitados no Renascimento.¹⁴ São catálogos de *vitae* de membros de Ordens Religiosas, que estas mesmas organizam e seguramente são influenciadas pelo género biográfico epidítico muito praticado pelos humanistas. Ao ideal do herói digno de memória, nestas coleções acrescenta-se o conceito de santidade, uma vez que os santos são, por excelência neste contexto, figuras merecedoras de memória e objeto de imitação. Muitas vezes, estes relatos biográficos, para além de prestigiarem a Ordem a que pertenciam os biografados, destinar-se-iam depois a ser utilizados em processos de beatificação ou canonização, pois foram redigidos com alguma consciência histórica, recorrendo a testemunhos directos, notícias recolhidas direta ou indiretamente, fontes originais, etc...

O incremento da biografia devota por influência da redescoberta de Plutarco foi mais um dos contornos do Humanismo Renascentista a que a literatura Hagiográfica não foi de todo alheia. Como observou o historiador André Vauchez¹⁵ num dos seus vários estudos sobre a santidade, assistimos, no fim da Idade Média ou início da modernidade, a uma mudança na tipologia hagiográfica: de santos admiráveis pelos seus prodígios e milagres, passamos a ter santos imitáveis, santos-heróis que encarnam no seu *exemplum* as virtudes e que se espera movam o leitor e o fiel ao desejo de os imitar na sua vida. Segundo o mesmo historiador, o próprio conceito de ‘santidade heroica’, que encontramos pela primeira vez explicitado no processo de

¹³ Miranda Urbano 2016: 169; Miranda Urbano 2011.

¹⁴ Soares 2003: 196.

¹⁵ Vauchez 1991: 162.

canonização de St^a Teresa de Ávila no séc. XVII, é um produto do Humanismo Renascentista.¹⁶ Pensamos que parte do sucesso desta leitura do ‘santo’ como herói imitável na literatura hagiográfica dos séc. XVI -XVII, se explica pelo sucesso que teve no Humanismo Renascentista uma concepção aristotélica da arte como *mimesis*, com um forte ascendente moral.

O Humanismo português participou também nesta renovação literária da hagiografia. O tema hagiográfico foi visitado recorrentemente pelos nossos humanistas, pois a celebração dos santos marcava a vida não só religiosa como civil, académica, etc...Em todos os géneros literários os santos são tema: no teatro, na oratória, na prosa e na poesia narrativas, no epigrama...

Foi precisamente na poesia que mais se destacou então a renovação literária da Hagiografia em Portugal. O género poético foi considerado pelos nossos humanistas o mais sublime para a celebração dos santos e das suas vidas edificantes. Não deve ter sido indiferente a esta preferência a divulgação que conheceram entre nós não só a obra de Spagnoli Mantuano como posteriormente a *Arte Poética* (1527) de Jerónimo Vida que marcou a poesia cristã do séc. XVI. E é neste contexto que compreendemos, por exemplo, o pensamento do grande humanista português, D. Jerónimo Osório, sobre o grande valor dos poetas e a função da poesia, assunto já estudado por Sebastião Tavares de Pinho no seu artigo ‘poética e poesia em D. Jerónimo Osório’.¹⁷

Como observa Sebastião Pinho, de acordo com o nosso humanista, os poetas têm por missão imitar nos seus versos, com verdade e elegância, os costumes dos homens.¹⁸ Dos poetas, por isso, não podemos esperar a verdade histórica, mas a verdade da poesia. Quando apresenta a verdade com o recurso à ficção poética, aos ornatos da mitologia e das lendas literárias, o poeta pode tornar mais bela e eloquente a verdade para, assim, ‘mais facilmente atrair os homens ao desejo das virtudes’¹⁹. Esta distinção e valorização da forma literária na transmissão da mensagem tão claramente definida por D. Jerónimo Osório, vamos encontrá-la em alguns exemplos da literatura hagiográfica do Humanismo português. Não podemos deixar de referir aqui o poema épico novilatino de André de Resende, *Vincentius levita et martyr*,²⁰ que, para além de se encontrar em perfeita consonância com o movimento de renovação literária, promove simultaneamente um

¹⁶ Vauchez 1981: 606.

¹⁷ Pinho 1983-84.

¹⁸ Ibidem 242.

¹⁹ Ibidem 243.

²⁰ Resende 1545.

movimento de reforma, de renovação espiritual e de piedade, como bem demonstra a recente e excelente dissertação de mestrado de Gil Teixeira que finalmente torna acessível ao leitor comum esta epopeia através da sua versão para português.²¹ O poema, que celebra o herói S. Vicente, recheado de erudição e ressonâncias clássicas é, como já escrevera Aires Nascimento, para além de uma afirmação poética, um ato de piedade.²² De algum modo, a figura de S. Vicente renasce *aggiornata* neste poema erudito.

Mas o séc. XVII seria mais produtivo na publicação de poesia hagiográfica. Recordamos a obra poética do jesuíta Manuel Pimenta († 1603), que embora composta no séc. XVI viria a ser publicada postumamente em 1622. Merecidamente foi há pouco publicada a sua tradução que vem trazer um grande contributo para o estudo da poesia novilatina da Companhia de Jesus.²³ Sem pretender uma enumeração completa recordamos ainda o P. Francisco Macedo, futuro Fr. Francisco de St^o Agostinho de Macedo, o P. Francisco de Mendoza e o P. Bartolomeu Pereira.

Deste último chegou-nos uma obra prima da poesia hagiográfica novilatina em Portugal. Trata-se de um exemplo muito expressivo do que o espírito de renovação literária do Humanismo Renascentista viria a produzir no domínio da hagiografia. O *Paciecidos libri duodecim*²⁴, uma epopeia novilatina em doze cantos, com mais de 6000 versos, celebra o martírio do Provincial do Japão, o P. Francisco Pacheco, juntamente com oito missionários, europeus e asiáticos.

Esta epopeia, inequivocamente emuladora do modelo homérico-virgiliano, terá em vista a beatificação de mais um mártir jesuíta, mas também é dominada por outras intenções, igualmente decorrentes da sua natureza hagiográfica: celebrar, para além do mártir, a ação missionária da Companhia, e mover o leitor à imitação do exemplo de Francisco e dos companheiros, ou pelos menos a aderir aos seus ideais espirituais (*celebrare et mouere ad imitandum*). Certamente que o *Livro da Vida e Martírio do Bem-aventurado Padre Francisco Pacheco*²⁵ em prosa vernácula, manuscrito que só no séc. XX viria a ser transcrito e impresso, teria de um modo geral

²¹ Teixeira 2018.

²² Nascimento 2002: 266.

²³ Pimenta 2017.

²⁴ Pereira 1640.

²⁵ O manuscrito, redigido por um jesuíta, é no entanto anónimo. Foi descoberto na Biblioteca do Paço de Vitorino da Donas, transcrito e editado por José Gomes de Abreu. Cfr. Abreu 1984-1985.

as mesmas intenções, mas a epopeia mostrava-se a esta altura mais eficaz na prossecução dos mesmos objetivos. Com efeito, foi um texto muito celebrado quer pelos contemporâneos quer no século seguinte. António dos Reis, no seu *Enthusiasmus Poeticus*, compara Bartolomeu Pereira a Virgílio²⁶, e o biógrafo jesuíta, António Franco, testemunha que esta epopeia andava na ‘estimação de todos os doutos’.²⁷ Este sucesso teria justificado uma segunda edição em Génova, em 1750. Mais tarde, já depois da beatificação de Francisco Pacheco, no séc. XIX, surgia uma edição com a versão francesa da autoria de Guichon de Grandpont.²⁸

Como é visível pelos pareceres que integram a primeira edição do *Paciecidos*, parte do sucesso deste poema deveu-se à sua dimensão literária, à escolha do género épico sublime, emulador das grandes epopeias antigas, mas também ao respeito pela natureza hagiográfica do texto. Os vários pareceres elogiam em Bartolomeu Pereira a elevação de um estilo literário imitador dos clássicos aliado ao respeito integral pela ortodoxia da fé, no tratamento de um tema tão grande como o martírio, em suma, elogiam a conciliação do saber humanista e literário do seu tempo com a matéria sagrada que canta na sua epopeia. Para o elogiar, Frei António das Chagas²⁹, por exemplo, diz que ele retrata com o ‘pincel cristão’ o martírio dos seus, simultaneamente cantando com arte e ‘à maneira católica’³⁰. Frei Filipe Moreira (professor de Sagrada Escritura em Coimbra) afirma que ele ‘conjuga a mais grave verdade da Fé com a livre capacidade de imaginar, numa amigável aliança com a piedade’³¹. O P. Pedro Peixoto, professor de Filosofia no Colégio de Coimbra, por sua vez, elogia a articulação exemplar entre a ficção e a história.³² E, com efeito, esta é uma preocupação que Bartolomeu Pereira explicita num texto que dirige ao leitor antes do poema, em que se mostra claramente consciente das exigências críticas do seu tempo. Trata-se de uma *Vida* de Francisco Pacheco que tem como finalidade lançar luz sobre a

²⁶ Reis 1748: 8, 11.

²⁷ Franco 1717-1719: 1, 154.

²⁸ Alfred Guichon de Grandpont, *La Paciecide*, Paris, 1887.

²⁹ Não se trata do célebre homónimo, mas de um franciscano do Convento de S. Francisco de Lisboa, incumbido pela Inquisição de censurar a obra.

³⁰ “lucem insignis poeta, haud Ethnicis aliorum licentiis, sed Christiano penicillo, suorum facinora, mirifice depingens” Pereira 1640: p.s.n

³¹ “seueram Fidei ueritatem cum libera potestate fingendi, idque amico foedere pietatis”. Pereira 1640: p.s.n

³² ‘Stat cum historia iusta fictio’. Pereira 1640: p.s.n

epopeia, de modo a que o leitor facilmente distinga entre verdade histórica e ficção e ornamentos da poesia. Como ‘em matéria sagrada não se pode mentir’³³, escreve Bartolomeu Pereira, decidiu apresentar ao leitor uma *Vida* de Pacheco para que, lendo-a, compreenda que tudo o que não encontrar nela mas encontrar no poema é ornamento da poesia.

E na verdade, embora o poeta organize os factos históricos de acordo com uma arquitetura épica de modelo clássico, narrativa *in medias res*, analepses e prolepses, retardamentos, episódios fantásticos e digressões descritivas, o poema respeita rigorosamente os factos históricos. Mais ainda, se nas fontes históricas encontramos referências a factos prodigiosos eventualmente identificáveis como milagres do herói, eles são cautelosamente omitidos no poema. Este é mais um aspeto da composição de Bartolomeu Pereira que revela a sua procura consciente de uma hagiografia que responda a novas exigências, não só literárias e críticas como canónicas. Nesta medida, o poeta procura respeitar as normas do direito processual de canonização que os decretos de Urbano VIII vinham determinando, na tentativa de controlar o aparecimento de novos cultos e certamente ainda como resposta à polémica levantada pelas reformas protestantes em torno do culto dos santos.³⁴ Naqueles decretos proibiu-se a impressão de livros sobre a vida, milagres, revelações, etc.. de homens com fama de santidade, sem o reconhecimento prévio do Ordinário que deveria instruir o processo e aguardar a sua resolução. Foi certamente por esta razão que o *Livro da Vida e Martírio do Bem-aventurado Padre Francisco Pacheco* ficou inédito até ao séc. XX.³⁵ E foi também por esta razão que Bartolomeu Pereira omitiu episódios ‘milagrosos’ relatados não só naquele manuscrito, como na *Carta Anua de 1627*. Ambos referem, por exemplo, a cura prodigiosa de

³³ ‘Hinc ego operi ut nostro consulerem, Pacieci uitam praemittendam censui, quae tum rerum, ac temporum ordinem seruando, poesi lucem daret, tum etiam cum in re sacra non liceat ementiri legentem doceret, quidquid hic non inueniret poesos ornamentum esse et chlamydis lacínias commentitiae.’ Pereira 1640 p.s.n.

³⁴ Os decretos de Urbano VIII fundamentais nesta matéria datam de 1625, 1631 e 1634 e foram reunidos e publicados em 1642. Urbano VIII 1642.

³⁵ Esta foi uma das fontes históricas de Bartolomeu Pereira, para além da *Relação Breve da prisão por causa de nossa S.ta fée do P. Francisco Pacheco Provincial da Companhia de JHS de Japão e de outro da mesma Companhia e muitos seculares japões com algumas outras cousas mayes* (Este manuscrito encontra-se no Arquivo Romano da Companhia de Jesus, *Jap./Sin*, 29, fol 100f-102v) e da *Carta Anua de 1627 (Jap/Sin 61 Anua do Japão p.^a nosso mui Rev.^{do} Pe Muttio Vitalesche R.^{ssimo} geral da Comp.^a de Jesus do anno de 1627* do mesmo Arquivo).

alguns doentes que, com a devida devoção às relíquias, comeram uns restos do pão de que Francisco Pacheco e os companheiros se tinham alimentado em casa de um agricultor, quando eram levados para Nagasaki onde seriam executados na fogueira.³⁶ Bartolomeu Pereira, no seu poema, louva como preciosa relíquia esse pão deixado pelos cativos, mas não faz qualquer alusão ao milagre.³⁷ Se o fizesse, desrespeitaria as normas decretadas por Urbano VIII e poderia ver-se impedido de publicar o seu poema.

A própria escolha da forma poética, julgamos, poderá ter sido determinada também por aqueles motivos, pois permitia ao poeta glorificar no plano literário o herói, sem perigo de incorrer nalgum desvio que impedisse a aprovação eclesiástica do poema. A forma poética funcionou, pois, como espécie de escudo de defesa da liberdade do poeta como se vê nas palavras que dirige ao leitor e a que acima nos referimos: “Na poesia é ainda costume revestir de tal modo a verdade autêntica da história, com as vestes da ficção que a custo podemos distinguir o que é verdade do que é imaginação.”³⁸

E assim justifica o autor, como acima dissemos, a publicação de uma *Vita Pacieci* antes do poema:

“decidi expor-vos antecipadamente a vida de Pacheco que, assim como a respeito da ordem das coisas e das sequências, poderá trazer luz sobre a poesia, também do mesmo modo, (como nas coisas sagradas não podemos mentir) mostrará ao leitor que aquilo que aqui não encontrar é ornamento da poesia, veste e adereço, fruto da imaginação.”³⁹

³⁶ Relata assim a *Carta Anua* de 1627: “Despidindose do dono da casa, tomando elle tres pedaços do pão que comeram os padres estes sobejavão os escondeo e guardou por reliquias, e depois dando delles a doentes de terçans, e comendoos com fêe e devoção sararão dellas.” Cfr. fol 19v. O autor do *Livro da Vida* escreve: “Guardou por reliquias o piedoso cristão os pedaços de pão de que os Santos comeram e dando-os depois a alguns doentes, sararam e louvaram todos ao Senhor.” Cfr. Gomes de Abreu 1984: 367.

³⁷ Em apóstrofe ao anfitrião dos futuros mártires, o poeta afirma: “por uma migalha da tua mesa recusaria a ambrósia, buscaria apenas os restos desse pão sagrado deixados pelos cativos, guardaria na alma e conservaria no coração, as migalhas que caíssem por terra.”; “(...) tuae pro fragmine mensae/ Ambrosiam abiicerem, solum remanentia uinctis/ Frustra piaae cereris colerem, terraque cadentes/ Relliquias animo seruarem, et corde tenerem.” *Paciecidos*, X, 477-480.

³⁸ “Solet deinde in poesi nuda historiae ueritas laciniosis fictionibus ita circumuestiri, ut quae sint uera, et quae fabulosa uix possint discerni.” Cfr. “Praeponitur uita...” Pereira 1640: p. s. n.

³⁹ “(...) Pacieci uitam praemittendam censui, quae tum rerum, ac temporum ordinem seruando, poesi lucem daret, tum etiam cum in re sacra non liceat ementiri,

Além disso, é na epopeia, por excelência, que entram em ação os heróis e as suas virtudes. Um texto no estilo elevado da língua latina, num género poético prestigiante como o épico, de acordo com as exigências literárias e críticas do humanismo coevo, seria mais eficaz do que a prosa vernácula do *Livro da Vida*, quer para a promoção da figura hagiográfica, quer para os objetivos do texto de natureza hagiográfica: a celebração do ‘santo’ e a edificação do leitor. O que com maioria de razão se verifica, uma vez que se trata de uma composição destinada ao público instruído dos colégios da Companhia de Jesus. Nesta medida, a epopeia de Bartolomeu Pereira correspondia inteiramente às expectativas do leitor humanista, como se depreende do parecer do Padre António Leite, professor de Filosofia no Colégio de Évora, que louva a riqueza ‘pedagógica’ (diríamos hoje) do engenho do poeta, fecundo em todas as artes como se de uma só se tratasse, ele que ensinou Humanidades, Retórica, Filosofia, Teologia e Sagrada Escritura.⁴⁰

Nesta epopeia hagiográfica, a figura do herói, missionário e mártir, envolvida na tradição clássica, nas alegorias e nas figuras mitológicas, a cada momento comparável a Ulisses, ou a Eneias, torna-se superior a todos eles, um herói do seu tempo, capaz de arrastar novos missionários para o Oriente e, eventualmente, para o martírio. Podemos dizer que o *Paciecidos* é um exemplo expressivo de uma hagiografia renovada pelo Humanismo Renascentista. Um texto hagiográfico fiel à sua natureza celebrativa e edificante, sem deixar de corresponder às exigências do seu tempo.

Mas a influência do Humanismo Renascentista na renovação da Hagiografia em Portugal, como acima dissemos, não se ficou pela poesia. Também entre nós se sentiu o apelo humanista à produção de coleções e catálogos não só de vidas de santos como de figuras ilustres, eventuais candidatos à beatificação e canonização, exemplos de virtude em ação, modelos *ad imitandum*. São exemplo deste esforço a *Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga, e dos Santos, e Varoens illustres, que florescerão neste Bispado*, de D. Rodrigo da Cunha, editada em Braga no ano de 1635, ou a *Gloriosa Coroa de esforçados religiosos da Companhia de Jesus* (1642), obra do jesuíta Bartolomeu Guerreiro. Esta última, uma coleção de *Vidas de*

legentem doceret, quidquid hic non inueniret poeseos ornamentum esse, et chlamydis lacinias commentitiae.” Cfr.”Praeponitur uita...” Pereira 1640: p. s. n.

⁴⁰ “ omnia plane egregii poetae commendant immortalitate dignum ingenium, singularium arthium, quasi unius tantum, faecundum: sic enim ille Humanitatem, sic Rhetoricam, sic Philosophiam, sic Theologiam docuit, sic modo diuinam scripturam sacer interpres profitetur...” Pereira 1640: p.s.n.

jesuítas que morreram pela fé, é também muito cuidadosa com os decretos de Urbano VIII, e evita no título o termo ‘mártir’, optando pela metáfora da coroa que acompanha a iconografia dos mártires. Nas longas páginas em que explicita o título, Bartolomeu Guerreiro afirma que não há dúvida de que os religiosos jesuítas que morreram pela fé merecem a designação de ‘mártires’, mas acrescenta: “Baste-nos chamar-lhe coroa de soldados esforçados, para falarmos com rigor eclesiástico e católico e com as próprias formalidades da Igreja Santa”.⁴¹ E conclui: “Damos-lhe o que podemos, que é venerá-los com a esperança de que a Sé Apostólica os declare por tais.”⁴²

Outra coleção de tipo hagiográfico, dedicada a mártires jesuítas, é o *Fasciculus e Iapponicis floribus suo adhuc madentibus sanguine* do P. António Francisco Cardim, procurador da Província do Japão em Roma, (publicado naquela cidade, em 1646) e a sua versão portuguesa, *Elogios e Ramallete de flores borrifado com o sangue dos religiosos da companhia de Jesus a quem os tiranos do império do Japão tiraram as vidas por ódio da fé católica*, publicado em Lisboa, em 1650. São ambas as versões enriquecidas com gravuras primorosas que retratam cada missionário no martírio, destinadas a divulgar e promover nacional e internacionalmente a obra missionária da Companhia de Jesus provada no martírio dos seus membros.

Obra de maior fôlego e mais abrangente seria o projeto de coleção hagiográfica, começada por Jorge Cardoso, o *Agiológio Lusitano dos sanctos e varones illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*. Jorge Cardoso reuniu os santos portugueses dos primeiros seis meses do ano em três volumes, publicados em 1652, 1657 e 1666. Décadas mais tarde, D. António Caetano de Sousa faria um esforço por continuar esta série e publicou um quarto volume, em 1744, com os meses de Julho e Agosto.⁴³

Publicada no início do séc. XVIII a obra do jesuíta António Franco merece também uma referência, pois prossegue na linha de apresentação de biografias edificantes de finalidade e estilo a maior parte das vezes coincidentes com os da hagiografia.⁴⁴ Depois de um longo trabalho de recolha e organização de documentos dispersos sobre as vidas de alguns membros da Companhia de Jesus que se distinguiram pelo exercício das

⁴¹ Guerreiro 1642: 11.

⁴² *Ibidem* 16.

⁴³ Fernandes 1996.

⁴⁴ Certamente ao serviço do objetivo tão caro à Companhia de Jesus, de fazer memória dos seus *ad intra*, mas também para divulgar *ad extra* as vidas edificantes e as obras dos seus membros. Cfr. Miranda Urbano 2014: 297-308.

virtudes ou pela morte em nome da fé, o jesuíta recolheu e organizou três volumes biográficos que publicou ao longo de seis anos (1614-1619), cada um dedicado a um dos três noviciados da Companhia na Província Portuguesa. A *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio do Espírito Santo de Évora*, publicado em Lisboa, no ano de 1714; A *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus na Corte de Lisboa*, publicado no Colégio das Artes, em Coimbra, em 1719 e A *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra*, em dois tomos, publicados no Colégio das Artes respetivamente em 1717 e 1719.

Cada volume contém as vidas edificantes de jesuítas que se formaram naquele Noviciado, ordenadas mensalmente pelo *dies natalis* do biografado, seguindo, portanto, o critério da celebração da memória dos santos no dia da sua morte. Em todos os volumes se repete uma ‘protestaçam’ do autor que se defende de eventuais acusações de transgressão dos decretos de Urbano VIII.

“Porque nesta obra se trata de homens de virtude, & muitas cousas, que parecem milagrosas, martyrios, revelações, profecias, conformandome em tudo com a vôtade da Igreja & decretos, que nesta matéria hã do Sancto Padre Urbano VIII, declaro, que sô quero, que estas cousas... se tomem somente no sentido que a Igreja as costuma permitir. Nem com a narração destas cousas quero que tenham algum culto ou opinião de sanctidade...”⁴⁵

É de assinalar nesta obra o esforço do P. António Franco por oferecer aos membros da Companhia, especialmente aos noviços, a quem em primeiro lugar dirige a sua obra⁴⁶, ‘mil modos de exercitar todas as virtudes christans’, fazendo memória dos seus ‘antepassados’ e apresentando os seus *exempla* dignos de crédito não só pela piedade que representam mas também pelo critério historiográfico que presidiu à sua elaboração. António Franco manifesta a sua consciente preocupação por revolver todos os arquivos de várias casas da Companhia, não se poupando a trabalho, para poder oferecer um obra digna de crédito e bem documentada, como se vê nas suas palavras:

“Em tudo procurei verdade, fazendo todas as diligências, que pude; por isso no fim das vidas allego de ordinário os documentos por onde escrevi, &

⁴⁵ Cfr. Franco 1717-1719.

⁴⁶ Franco 1717: 1, 3.

com que me ajustei... porque estas allegaçoes fazem na Historia grande fe; podendo sempre verse as fontes donde se dis, que a tal cousa se recolhera.”⁴⁷

Em cada volume, António Franco acrescenta às vidas edificantes um catálogo dos religiosos que ali foram noviços e que ‘escreveram livros’, fazendo jus ao padrão de excelência consagrado nas Constituições da Companhia que se propunha formar nos seus membros homens simultaneamente virtuosos e doutos, *simul probos ac doctos*.⁴⁸ No entanto, como ele próprio escreve, embora sejam os dois polos em cujo torno se move a Companhia, as *Virtudes* e as *Letras*, estas servem de sombras, somente, ‘com que mais realce a Imagem da Virtude’.⁴⁹

Com o objetivo de internacionalizar a devoção por estes *exempla*, o P. António Franco publicaria ainda uma outra coleção ‘hagiográfica’ resumindo sinopticamente aquelas *Vidas*, desta vez em língua latina. O *Annus Gloriosus Societatis Iesu in Lusitania*, publicado em Viena de Áustria, em 1720⁵⁰, também este organizado mensalmente pelo *dies natalis* de cada varão ilustre em virtude.

Nestas biografias espelhava-se a virtude em ação, fazendo memória das vidas que deviam edificar o leitor, especialmente o jesuíta em formação, movendo-o ao desejo de imitar os seus maiores. Hoje, esta obra constitui a maior coleção biográfica da Companhia de Jesus em Portugal, e graças ao critério historiográfico com que foi redigida, pese embora a sua característica apologética associada à sua natureza hagiográfica, constitui um documento precioso para quem, a partir de diferentes perspetivas, investiga a história e a ação da Companhia de Jesus nos seus vários domínios.

Concluindo: no contexto das reformas, em que é posta em causa a legitimidade da devoção pelos santos e o seu poder intercessor, a hagiografia é objeto de um processo de renovação em várias dimensões. Esta renovação é visível no registo de novos temas, de uma expressão literária mais elaborada, de diferentes tipologias de santidade, e de um esforço de resposta a novas exigências críticas e historiográficas. Para compreender este processo, é

⁴⁷ Ibidem-

⁴⁸ Miranda 2011: 475.

⁴⁹ Franco 1717, 2, prólogo, p.s.n.

⁵⁰ Vale a pena reproduzir aqui o título na íntegra: *Annus Gloriosus Societatis Iesu in Lusitania, Complectens Sacras Memorias illustrium virorum qui virtutibus, sudoribus, sanguine, Fidem, Lusitaniam, Societatem Iesu, in Africa, Asia, America ac Europa, felicissime exornarunt, succinta narratione congestas*. Franco 1720.

preciso estudá-lo no contexto do vasto movimento de renovação cultural que foi o Humanismo Renascentista e de que ele participou plenamente. A centralidade dos *Studia Humanitatis* no ensino, a conseqüente preocupação filológica na reconstituição das fontes à sua originalidade, a influência modelar dos autores antigos, o sucesso de certos gêneros literários (como a biografia, a poesia épica, o teatro) e além disso uma visão humanista e ciceroniana valorizadora de um saber enciclopédico, e uma perspectiva aristotélica da arte como necessariamente moral, promoveram a renovação da literatura hagiográfica. Podemos, pois, afirmar que esta nova hagiografia, que vê então lançados os alicerces do seu nascimento como ciência crítica, tem profundas raízes nas preocupações críticas e filológicas e nas exigências formais do Humanismo Renascentista.

Bibliografia

- Abreu, J. (1984-1985), “Beato Francisco Pacheco—Subsidios biográficos”, *Arquivo de Ponte de Lima* V (1984): 377-390; VI (1985): 355-371.
- Chiesa, M. (1998), “Agiografia nel Rinascimento: esplorazioni tra i poemi sacri dei secoli XV e XVI”, in L. Genaro (coord.), *Scrivere di Santi*. Roma: Viella, 205-224.
- Cunha, R. (1635), *Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga, e dos Santos, E Varoens illustres, que florescerão neste Bispado*. Braga.
- Ditchfield, S. (2005), “Il Mondo della Riforma e della Controriforma”, in A. Benvenuti et alii, *Storia della Santità nel cristianesimo occidentale*. Roma: Viella, 261-329.
- Fernandes, M. (1996), “História, santidade e identidade”. O *Agiologio Lusitano* de Jorge Cardoso e o seu contexto”, *Via Spiritus* 3: 25-68.
- Franco, A. (1714), *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio do Espirito Santo de Evora do Reyno de Portugal*. Lisboa.
- Franco, A. (1717), *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus na corte de Lisboa*. Coimbra.
- Franco, A. (1717-1719), *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra*. Coimbra, 2 vols.
- Franco, A. (1931), *Ano Santo da Companhia de Jesus em Portugal*. Prefácio e notas de Francisco Rodrigues. Porto.
- Gordini, G. (1991), “L’opera dei bollandisti e la loro metodologia”, in M. Andrezza, et alii, *Santità e Agiografia*. Genova: Marietti, 49-73.

- Grandpont, A. (1887), *La Pacieicide*. Paris.
- Grégoire, R. (1996²), *Manuale di Agiologia, Introduzione alla Letteratura Agiografica*. Fabriano.
- Guerreiro, B. (1642), *Gloriosa Coroa de esforçados religiosos da companhia de Jesus, mortos pela fé católica nas conquistas dos reinos da coroa de Portugal*. Lisboa.
- Miranda, M. (2011), “A Ratio Studiorum e o desenvolvimento de uma cultura escolar na Europa moderna”, *Humanitas* 63: 473-490.
- Miranda Urbano, C. (2011), “Ortodoxia e heterodoxia no início da modernidade: Poesia hagiográfica neolatina ao serviço da apologética jesuítica”, in C. Soares, et alii (coords.), *Norma e Transgressão II*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 289-304.
- Miranda Urbano, C. (2014), “O biógrafo António Franco SJ, autor da *Imagem da Virtude*”, *Humanitas* 66: 297-308.
- Miranda Urbano, C. (2016), “A Hagiografia depois de Trento”, in J. E. Franco, et alii (coords.), *Concílio de Trento. Inovar na Tradição. História, Teologia, Projecção*. Universidade de Alcalá, 167-173.
- Miranda Urbano, C. (2018), “The Paciecidos of Pereira SJ (coimbra 1640): a Neo-latin epic paraphrasing a *Vita*”, in V. Milazzo & F. S. Barcellona (coords.), *Bilinguismo e scritture agiografiche*. Roma: Viella, 207-226.
- Nascimento, A. (2002), “Aspectos da *Pietas* em André de Resende”, in *Cataldo e André de Resende. Congresso Internacional do Humanismo Português*. Lisboa, 257-274.
- Pereira, B. (1640), *Paciecidos: libri duodecim: decantatur clarissimus P. Franciscus Paciecus Lusitanus, Pontlimiensis, è Societate Iesu, Japponiae Provincialis eiusdem Ecclesiae Gubernator; ibique uiuus pro Christi fide lento concrematus anno 1626*. Conimbricæ.
- Pimenta, M. (2016), *Opera Omnia*, I, Estabelecimento do texto latino Pinho, S.T., introdução, tradução e notas Pinto, A. G.. Coimbra: Imprensa da Universidade. Coleção Portugaliae Monumenta Neolatina.
- Pinho, S. (1983-84), “Poética e poesia em D. Jerónimo Osório”, *Humanitas* 35-36: 221-255.
- Reis, A. (1748), “Enthusiasmus Poeticus”, in *Corpus Illustrum Poetarum lusitanorum qui latine scripserunt*. Lisboa, 8 vol.
- Resende, A. (1545), *Vincentius Leuita et Martyr*. Lisboa.
- Soares, N. (2003), “Plutarco no Humanismo Renascentista em Portugal”, *Humanitas* 55: 193-221.

- Teixeira, G. (2018), “Entre textos: da epopeia *Vincentius Leuita et Martyr* de André de Resende a *Os Lusíadas* de Camões”. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob orientação de Belmiro Fernandes Pereira.
- Urbano VIII, (1642). *Decreta in seruanda... Accedunt Instructiones & declarationes quas Em. et Rev. S. R. E Cardinales Praesulesque Romanae Curiae ad id muneris congregati ex eiusdem Summi Pontificis mandato condiderunt*. Roma.
- Vaucher, A. (1981), *La sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Age d'après les procès de canonisation et les documents hagiographiques*. Rome: Ecole Française de Rome.
- Vaucher, A. (1991), “Saints admirables, saints imitables: Les Fonctions de l’hagiographie ont-elles change aux derniers siècles du Moyen Âge?” *Les Fonctions des saints dans le monde occidental*, Collection de l’École française de Rome. Rome, 161-172.
- Zarri, G. (2005), “L’età del Rinascimento e la cristianizzazione della società”, in A. Benvenuti et alii, *Storia della Santità nel cristianesimo occidentale*. Roma: Viella, 223-260.

